

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Famílias itinerantes. Leituras transversais da viagem

Nileide Souza Dourado^{1*}

Resumo: O presente estudo privilegia os relatos orais, histórias e memórias das famílias itinerantes, lembranças, o cotidiano e as representações pelas estradas rumo a Poxoréu - Mato Grosso, na primeira metade do século XX. A montagem do mosaico dessas histórias possibilita leituras transversais de cenários vividos pelas famílias nos caminhos da viagem. Os grupos de familiares revelam o todo dia pelas estradas, o despertar, a fadiga, o peso da vida e as dificuldades de viver a trajetória. Enfim, trata-se de memória dos gestos banais, dos lugares, das comidas, dos corpos e dos prazeres pelos caminhos da viagem.

Palavras-Chave: FAMÍLIA – MEMÓRIA – TRAJETÓRIA

Abstract: The present study privileges the verbal stories, histories and memory of the itinerant families, the memories, daily and the representations of the trip for the roads route the Poxoréu - Mato Grosso, in the first half of century XX. The assembly of the mosaic of that histories allow reading transversal of scenes lively by families on the roads from trip. The relatives reveals the whole thing day by roads, the awakening, the fatigue, the weight from life and the difficulties of living the trajectory. After all, treated of memory from the banal gestures, from the places, from the foods, from the bodies and from the pleasures bristles roads from trip.

Keywords: FAMILY - MEMORY - TRAJECTORY

O ponto de partida desse tema é resultante do quadro de reflexões apresentadas na dissertação de mestrado, cujo estudo enseja pensar um novo enfoque para a história dos deslocamentos populacionais, centrados nas versões de pessoas comuns, que apontam uma outra compreensão dos caminhos, das experiências, dos trechos fragmentários, do cotidiano, e dos elementos de socialização deles decorrentes.

Nessa perspectiva, o trabalho passeia também pela memória, lembranças e o cotidiano das famílias itinerantes, seus registros e representações sobre a viagem, ocorrida na primeira metade do século XX, onde grupos, pessoas e famílias de vários cantos do Brasil buscam pôr Mato Grosso, onde o ponto de interesse é Poxoréu.

A cidade de Poxoréu fica situada na região Sudeste de Mato Grosso, a 290 km de Cuiabá, tem como atividade econômica a agricultura, a pecuária, a seringueira, o extrativismo mineral (diamantes) e o turismo ecológico. Seu nome tem raiz indígena (*Pó* = água, rio +

¹ * Mestre – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

txoréu/tsereu = preto = rio preto) e está também associado à tribo Bororo, habitantes da região.

A Arte de (re) lembrar a viagem

Das lembranças pela busca dos novos espaços, a caravana de famílias, grupos e pessoas partiram com a finalidade de encontrar a terra capaz de oferecer oportunidade para todos aqueles que guardavam expectativa de dar um passo além dos limites conhecidos. Desse modo, migraram, atravessaram fronteiras, trazendo em seu bojo sonhos, perdas, experiências, realizações e conflitos de alteridade, e mais, muitas expectativas para colonizar a terra – o lugar.

A motivação para o deslocamento dos grupos de familiares pode ser compreendida, também, através das notícias, folhetins que chegavam pelos sertões brasileiros com informações sobre as chuvas, águas e terras de Mato Grosso, aspectos esses, provocadores de mudanças, de sonhos e de reflexões entre seca e água. Tanto é significativo que relatam essa passagem da seguinte maneira:

[...] tínhamos notícias muito boa daqui, que chovia muito, e lá estava uma seca tremenda, inclusive toda a nossa plantação morria tudo, não colhíamos nada, e aí meu pai ficou nervoso e resolveu vir para o Mato Grosso [...].

Das leituras transversais da viagem, foi possível conhecer a história de algumas famílias itinerantes, onde revelam a saída de diferentes lugares, as trajetórias percorridas, à solidariedade dos companheiros de viagem e ainda, os relatos sobre as dificuldades e sonhos pelos caminhos da viagem rumo a Mato Grosso.

Depreende-se que em cada parada pelas estradas, havia um hábito silencioso e repetitivo de tarefas, contam às famílias que:

[...] paravam perto de água, riachos onde ficavam uns três ou quatro dias para lavar as roupas e prepararem as comidas. Muitos dormiam às vezes no tempo, pois não chovia e era na seca, ou então armavam à lona, faziam as camas e todos dormiam aquecidos pelas fogueiras [...].

Através dos espaços solitários e improvisados, a rotina doméstica era de responsabilidade dos pais desde o preparo da alimentação do grupo, *geralmente composta de carne-de-sol, farinha e, algumas vezes, de feijão e rapadura*, como, ainda, o cuidado do material de cozinha, dos utensílios como as *vasilhas: pratos, colheres, panelas e latas*, essas últimas utilizadas para guardar alimentos prontos, para o consumo no dia seguinte. Alguns desses objetos eram de uso comum.

Por outro lado, havia, ainda, uma preocupação com a harmonia da família junto aos parceiros da viagem, bem como, o tratamento entre as pessoas, o cotidiano e a demarcação do tempo, ou seja, o tempo das andanças, das comidas, das fadigas e das festas.

A rememoração do passado das famílias em caravanas pelas estradas, ajuda entender a construção social dos grupos nos diversos lugares, em diversos caminhos e, também, nos longos desvios, ou seja, as famílias se constituíam como aliança entre grupos.

Na verdade, o narrador constrói sua identidade à medida que narra sua história e, em suas narrativas são constantes as referências ao núcleo familiar. Até porque, a memória familiar está ligada ao cotidiano vivido nas estradas, junto à casa deixada, os filhos, à igreja, à vizinhança, enfim, muitos preocupavam com a constituição e continuação de suas famílias.

Uma das preocupações dos familiares pelo sertão era com o casamento das *filhas*, pois as relações com os demais grupos, refletiam a busca pela segurança, o sustento e a proteção. Isso porque, grande parte dos namoros e casamentos era regida pela família. Nessas experiências vivenciadas e lembradas pode ser observado que os papéis dos personagens eram definidos pelos costumes, marcas dos lugares a cada um dos sexos nos espaços em que estabeleciam relações.

D. Esmeraldina [Relato... 23 ago. 2001] conta que teve *uma proposta de um rico casamento numa fazenda no estado de Goiás no decorrer da viagem*. Porém, seu pai, o chefe da família, acabou não concordando e, procurou manter a família unida e dar prosseguimento à viagem em busca do lugar sonhado para a construção da morada.

As lembranças aqui arroladas fazem parte das múltiplas formas de viagem, destacando que era comum, principalmente entres os baianos, a partida em grandes grupos, em caravanas², que se reuniram para atravessar longos caminhos, diversos desvios; outros relatam que vieram em grupos menores, compostos de solteiros, intitulados escoteiros; outros se deslocaram apenas com a família; e existem ainda aqueles que viajaram sozinhos.

Na busca *do lugar*, as famílias mudavam-se tendo como meio de transporte o lombo de burro ou de cavalo, a boléia ou carroceria de caminhão (pau-de-arara) e a plataforma dos barcos, além daqueles que revelaram ter vindo a pé.

² Segundo a memória dos narradores, caravana é entendida como um encontro de pessoas que estabelecem relações socializantes em espaço e tempo históricos comuns e cujos integrantes introduzem nesse lugar social um comportamento prático, cotidiano, mediante o qual se ajustam ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro. Nesse sentido, caravana aqui refere-se ao deslocamento de grupos, famílias, pessoas que estavam abertos a ouvir, ler, receber, aceitar informações, histórias, notícias, propagandas de que haveria um outro lugar, dos sonhos, onde todas as carências seriam sanadas.



Fig.01(Itinerantes e o pau-de-arara)

Ao rememorar suas histórias, as famílias itinerantes revelam aspectos interessantes, significativos, vivenciados pelos caminhos da viagem, o que possibilitou aos migrantes narradores descobrirem uma vida sem contornos, de coisas novas, experiências às vezes excluídas do seu cotidiano. D.Nena, revela as experiências de sua família pelas estradas, a partir das descobertas e pelo uso de coisas novas:

[...] Na minha trajetória de Guiratinga para Poxoréu, eu fui montada numa mula. Foi a primeira vez que eu vesti roupa de homem na vida. Era uma calça, uma camisa muito bonita, um lenço e um chapéu. Essa roupa eu ganhei do meu cunhado, mas era roupa que ele nunca tinha vestido uma camisa muito bonita, chapéu e um lenço vermelho (Dourado Relato... 29 set. 2002).

Dos argumentos de Walter Benjamin (1985) depreende-se que as histórias que essas pessoas construíram trazem as experiências do vivido, da sabedoria tecida na substância viva da existência.

Outra lembrança é a de Jurandir da Cruz Xavier, que rememora sobre outras formas e trajetórias para a chegada a Poxoréu quando conta que:

Havia grupos de itinerantes que subia o rio São Francisco de vapor até Santa Maria da Vitória, mais ou menos aí eles pegavam o trem. Chegando na Barra do Pirai, faziam outra baldeação e vinham até Campo Grande, de trem. Aí, pegavam o caminhão e chegavam até Porto Esperança e daí pegava a embarcação para Corumbá, depois, pegavam uma chalana e chegavam a Cuiabá (Relato... 22 ago. 2001).

Ainda, sobre os espaços (re) lembrados encontra-se na narrativa do Sr. Pedro Gomes da Rosa, o *Baianinho*, para quem o deslocamento de sua família foi motivado pela vida difícil no Nordeste.



Fig.02(O trato dos animais pelas estradas)

Relata a trajetória da sua família, quase um ano nessa jornada, pelas dificuldades e crises:

[...] Minha avó vendeu a sua casinha de telha, ela era viúva e tinha 30 cabeças de cabrito. Ela deu essas 30 cabeças de cabrito em troca de uma jeguinha com cangalha [...] Ficamos sabendo sobre o Mato Grosso porque tínhamos um parente aqui em Poxoréu e recebíamos algumas cartas de amigos que tinham vindo para cá [...]
(Relato... 23 ago. 2002).

A jornada de Pedro e de sua família nas estradas, em caminhos e descaminhos, é vista como um desafio, como promessa de dias melhores em outras passagens. Sua fala é impregnada de significados quando busca pela harmonia, que pode ser compreendida, também, como uma harmonia edênica.

Vale ressaltar que na organização dessas viagens, era fundamental contar com as tropas de burro/jumento que garantiam a estrutura do trajeto, pois, além de ser um animal resistente adequava-se às condições da viagem. Por outro lado, possui função simbólica para o nordestino, de modo que, como signo de identidade, não poderia ficar fora dessa aventura.

Dessa maneira, a representação simbólica do burro/jumento para o imaginário humano remonta a tempos imemoriais. É o animal que conduz ao triunfo. Aludindo ao imaginário judaico-cristão, o jumento é coadjuvante em várias passagens bíblicas, tanto no Novo quanto no Velho Testamento.

Com relação a tal representação, o jumento apresenta-se como uma possibilidade de conceber, conhecer e comunicar-se com esse universo sagrado, que é muito forte e presente no imaginário da humanidade, uma vez que o sentido aparece sempre como uma fonte de algo novo, de vida nova, e por outro lado assegura sua continuação. Isso porque, segundo Falcon (2000, p. 42), “as representações sociais (ou imaginário coletivo) são freqüentemente expressas (ou mesmo materializadas) através de signos, sinais, emblemas e símbolos”. Assim, o jumento é, para os nordestinos, um signo, uma representação.

Outro assunto relevante e rememorado pelas famílias itinerantes refere-se à representação que se faz da terra. Para os colonos itinerantes, ela não é vista apenas como fator de produção, como mercadoria, capital e enquanto valor de troca; para eles, a terra é carregada de outras significações, vista como céu, como lugar de morada, lugar para criação dos filhos, enfim *o lugar da gente*. É o que se pode conferir na fala do Sr. Geraldo Paulino, que relata:

[...] alguém veio aqui e voltou, a imagem era que aqui não faltava chuva e tinha terra em abundância e de fato era. Ninguém fazia conta de terra, e era de graça. Chegando já ia tomando conta, o governo dava esta oportunidade, em Dom Aquino foi a mesma coisa [...](Relato... 29 dez. 2002).

Mato Grosso, o *eldorado* apresentado à nação através dos seus inesgotáveis recursos físicos, minerais e geográficos, sustentou o projeto de vida e sonho de muitos homens e mulheres, na busca pelo *novo* lugar, de riqueza, espaço que garantiria uma boa sobrevivência, visto que suas terras eram bem-aventuradas.



Fig.03(A festa pelos caminhos da viagem)

O cotidiano desses colonos, entre caminhos e paragens, compõe um cruzamento de histórias, de fragmentos de histórias migrantes e suas trajetórias. Do discurso de cada narrador abre-se a possibilidade de refletirmos sobre a trama da vida comum, suas relações com as coisas, as mediações com os objetos e com o mundo dos lugares, dos caminhos e descaminhos e dos múltiplos tempos.

Por outro lado, as rotinas dos cotidianos têm levado pessoas a romper com os ritos sufocantes desse movimento, o que tem feito homens e mulheres partir e buscar, na viagem, o prenúncio de coisas novas, de paisagens diversas, onde cheiros e gostos nunca dantes provados lhes satisfaçam os sentidos. Segundo Certeau (1996, p. 31), “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente”.

No cotidiano da viagem não ficaram de lado os tempos das festas. A presença dos tocadores era a manifestação melodiosa das tradições dessa cultura popular. Dessa maneira, o

tempo é, talvez, dentre os aspectos de uma cultura, aquele que melhor caracteriza sua natureza. Portanto, o tempo dessa gente é a sua encarnação, está ligado ao comportamento do grupo, a sua consciência e às relações com as coisas. Pelos caminhos e descaminhos, D. Esmeraldina Sodré rememora essa multiplicidade temporal:

Lembro que nas paragens, quando era noite os tocadores iam até tarde, parecia até um baile, havia os jovens, tinha tudo que era de diversão como as violas, violões e sanfonas. Eles faziam muito côco, era assim um fala de uma mulher, o outro responde e bate em cima, é engraçado demais, agora não me chama muito atenção não. Mas meu pai não deixava nós sairmos, era dentro da toca mesmo, nós ficávamos só escutando, meu pai era muito ciumento (Relato... 23 ago. 2001).

A viva memória, as lembranças sobre as diversas paragens, as festas nos lugares, que Halbwachs (1990) classifica como memória social ou memória histórica, encontram-se representadas pelas atividades culturais desenvolvidas pelo grupo ao longo dos caminhos da viagem.

As cantorias de jograis/recitadores acompanhadas de violas e sanfonas são manifestações que assumem a função de divertimento nas lembranças de D. Esmeraldina. Os itinerantes utilizam-se dessa rica tradição popular para as memórias deslizarem umas sobre as outras, fazendo, assim, com que tempo venha a parar.

Numa abordagem das mentalidades e da cultura, a festa traz diversos significados para os vários segmentos da sociedade. Significados de como se apropriaram do seu espaço, do que há de comum entre os grupos e também de tudo aquilo que funciona como força de integração social. Assim, as festas das caravanas da esperança tinham a função de fortalecer a identidade e a força de integração do grupo, amenizando, assim, as agruras da estrada.

. Os discursos e práticas desses homens e mulheres ganharam grande impulso e permitiram abrir trilhas renovadoras e desimpedidas de cadeias sistêmicas, ao criar possibilidades de articulação e inter-relação por ocasião de suas práticas culturais, ao descobrir “histórias não contadas, ainda que largamente recheadas de episódios”, o que propicia a articulação das experiências e aspirações dos narradores, aos quais foram negados o lugar e a voz dentro do discurso histórico tradicional.

Fontes orais

DEPOENTES

ALENCAR, Geraldo Paulino de. **Geraldo Paulino de Alencar**: depoimento [23 ago. 2001]. Entrevistadora: Nleide Souza Dourado. Poxoréu-MT, 2001.

DOURADO. Clemência Silva. **Clemência Silva Dourado**: depoimento [10 jan. 2002]. Entrevistadora: Nleide Souza Dourado. Poxoréu-MT, 2002.

OLIVEIRA, Esmeraldina Sodré de. **Esmeraldina Sodré de Oliveira**: depoimento [23 ago. 2001]. Entrevistadora: Nleide Souza Dourado. Poxoréu-MT, 2001.

ROSA, Pedro Gomes da. **Pedro Gomes da Rosa**: depoimento [23 ago. 2002]. Entrevistadora: Nleide Souza Dourado. Poxoréu-MT, 2002.

XAVIER, Jurandir da Cruz. **Jurandir da Cruz Xavier**: depoimento [22 ago. 2001]. Entrevistadora: Nleide Souza Dourado. Poxoréu-MT, 2002.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

FALCON, Francisco J. Calazans. História e representação. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, p. 41-79, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.